

REGISTRO EM REGISTRO EM VÍDEO NO COTIDIANO ESCOLAR: FERRAMENTA DE GESTÃO DEMOCRÁTICA

Pedro Ganzeli – FE/Unicamp

pganzeli@terra.com.br

Renata Lanza – Prefeitura Municipal de Campinas; FAPESP

Resumo: A construção da gestão democrática da escola pública se faz por diferentes caminhos políticas-pedagógicas. Analisaremos nessa comunicação o uso do registro em vídeo como estratégia de gestão democrática. Esta experiência foi desenvolvida no projeto de pesquisa-Trabalho Integrado na Escola Pública: participação político-pedagógica, desenvolvido no período de agosto de 2006 a maio de 2009, na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Profº Vicente Ráo” em Campinas – SP, utilizando a pesquisa-ação como metodologia de trabalho. O Registro em Vídeo teve como objetivo permitir a criação de ferramentas que favorecessem o debate e a reflexão sobre o fazer pedagógico intra e extra sala de aula. No período foram filmados e editados 10 atividades didáticas, 10 eventos e 3 reuniões pedagógicas e administrativas da unidade escolar. O processo de trabalho de registro em vídeo foi vivenciado em três momentos específicos: momento experimental; momento de sistematização das atividades de filmagem e edição; e o terceiro momento de ampliação da demanda de registro em vídeo pelos demais professores da unidade escolar. Ao longo dessa trajetória observou-se que os registros em vídeo favoreceram o movimento de transformação do fazer pedagógico, quando socializou experiências até então restritas a sala de aula, possibilitou também análise dos eventos realizados na escola pelo Conselho de Escola, favorecendo o planejamento de atividades coletivas na escola. O registro em vídeo favoreceu a todos a reflexão de forma sistematizada sobre o significado de diversas atividades realizadas no cotidiano escolar garantindo a elaboração do Projeto Político-Pedagógico mais democrático.

Palavras-chave: registro em vídeo; gestão democrática; cotidiano escolar

Introdução

A organização da escola pública privilegia a separação entre a concepção e a execução. Ao observarmos o cotidiano da unidade escolar encontramos uma realidade fragmentada, na qual se evidencia o trabalho isolado dos profissionais que se limitam a cumprir com o seu papel, pouco ou nada inovador. Mesmo em proposta ditas modernas ou modernizantes, encontramos essa separação que nada contribui com a melhoria da qualidade da educação. A organização da escola pública privilegia, assim, a reprodução das relações sociais desiguais do sistema capitalista, pouco ou nada contribuindo para a construção de relações mais humanas e humanizadoras entre os sujeitos que participam do seu cotidiano escolar.

De forma abreviada Paro (2007) descreve um quadro geral da escola pública:

Tudo acontece como se não se gastassem grandes quantidades de recursos, não estivessem envolvidos os esforços de enormes contingentes de professores e outros funcionários e não se desperdiçassem horas preciosas da vida de milhões de crianças e jovens, com um ensino desinteressante que, não raro, dilapida sua paciência e lhes tira o prazer e o gosto de viver o presente – tudo isso em troca de

resultados pífios, representados por um aprendizado que, para expressivas proporções da população que passa pelo ensino fundamental, fica muito aquém até mesmo das rudimentares capacidades do ler, escrever e fazer contas que se propõem as mais tímidas e despretensiosas políticas públicas para a escola elementar (p.19).

A estrutura e o funcionamento da escola pública são ordenados de tal forma que dificulta ou mesmo impede o trabalho reflexivo dos profissionais da educação. O trabalho desenvolvido na escola é pautado pela prática de execução de atividades ditadas pelos órgãos superiores da Educação, tornando os profissionais vistos como executores de tarefas pré-determinadas. Um exemplo dessa lógica pode ser verificado quando observamos as reuniões pedagógicas, ocupadas majoritariamente pela fala dos gestores que, por sua vez, transmitem informações elaboradas nos órgãos centrais na busca do controle de todo o processo escolar.

Com a intenção de romper com essa lógica de organização do espaço escolar, elaboramos, com a participação dos profissionais que trabalham na escola pública, o projeto de pesquisa “Trabalho Integrado na Escola Pública: Participação Política-Pedagógica” que teve como objetivo geral construir novas formas de conceber a prática política-pedagógica da organização escolar, transformando as relações de trabalho no âmbito interno da unidade escolar, bem como entre a esta e os órgãos centrais da educação.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. Vicente Ráo” fica no município de Campinas, estado de São Paulo. A unidade escolar está localizada na região sul da cidade de Campinas em um bairro com boa infra-estrutura.

Com espaço físico amplo constituído de prédio escolar com 13 salas de aulas, biblioteca, sala de informática, sala de vídeo, laboratório de Ciências, além de quadra poliesportiva, campo de futebol, teatro de arena, árvores que favorecem um clima agradável para o ambiente escolar.

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, dentro do Programa de Ensino Público que disponibilizou recursos financeiros para a compra de equipamentos, prestação de serviços e pagamento de bolsas de pesquisa para os profissionais da rede municipal de ensino.

Participaram dessa pesquisa um pesquisador externo, Prof. Dr. Pedro Ganzeli, coordenador da pesquisa, proveniente da universidade e 16 pesquisadores internos (bolsistas FAPESP), pertencentes ao quadro de funcionários da rede municipal de

ensino. A equipe de pesquisadores internos contou com a participação: da Supervisora de Ensino e Coordenadora Pedagógica, responsáveis dos órgãos centrais da rede municipal de ensino pela implementação e avaliação das políticas educacionais; a Diretora, a Vice-diretora e a Orientadora Pedagógica que formavam a equipe gestora da unidade escolar, duas professoras de Educação Especial e dez professores de diferentes componentes curriculares.

Para a concretização dessa pesquisa, organizamos nosso caminhar por meio do desenvolvimento de sete subprojetos, a saber: Subprojeto Planejamento Participativo: caminho da gestão democrática; Subprojeto Ação Integrada da Supervisão Educacional e da Coordenação Pedagógica com a equipe de gestão da unidade educacional; Subprojeto Jogos da Amizade; Subprojeto Laboratório Interativo de Ciências; Subprojeto Registros em Vídeo no Cotidiano Escolar.; Subprojeto A Inclusão e o Trabalho Integrado na Escola Pública; e Subprojeto A Construção de Ciclos de Desenvolvimento Humano: Um Novo Olhar, Novos desafios.

Esta pesquisa propôs a construção da prática permanente da reflexão sobre a ação entre os sujeitos que participam do cotidiano escolar, para tanto utilizamos a metodologia da pesquisa-ação. Esta metodologia permitiu a construção de saberes e estratégias de ação, com a participação ativa de todos os implicados na pesquisa, possibilitando mudanças na realidade escolar.

Para Morin (2004):

o termo pesquisa ação designa em geral um método utilizado com vistas a uma ação estratégica e requerendo a participação dos atores. É identificada como nova forma de criação do saber na qual a relação entre teoria e prática e entre pesquisa e ação são constantes. A pesquisa-ação permite aos atores que construam estratégias e práticas que emergem do campo e que, em seguida, são validadas, confrontadas, desafiadas dentro do campo e acarretam mudanças desejáveis para resolver ou questionar melhor uma problemática (p.56).

Utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: registro em diário de campo, reuniões gerais com todos os professores-pesquisadores, reuniões específicas com cada subprojeto e relatórios mensais. Estes procedimentos favoreceram a construção de explicações frequentes sobre o caminhar de cada pesquisador e da pesquisa como um todo. A coleta de dados também foi favorecida por questionários, registros em vídeo, análise de documentos, todos produzidos no decorrer da pesquisa.

A construção do trabalho integrado ocorreu tendo como referência a compreensão de todos os envolvidos com a pesquisa sobre o processo educacional

vivenciado. Assim a integração dos agentes educacionais não foi considerada como algo que se implantaria na realidade escolar, mas um processo a ser construído, ou melhor, em constante construção, na escola pública.

Processo de Registro em Vídeo: construção do olhar sensível

Em agosto de 2006, com o início dos trabalhos de pesquisa, buscou-se criar um espaço de reflexão que possibilitasse a compreensão dos agentes educacionais sobre a dinâmica política, administrativa e pedagógica da sua unidade escolar, as Reuniões Gerais, cujo foco principal foi à integração entre os diferentes olhares presentes na realidade escolar e a proposição de ações coletivas. Com frequência semanal, com tempo médio de duração de duas horas, as reuniões gerais viabilizaram a integração entre as atividades desenvolvidas nos subprojetos e o planejamento coletivo da equipe de pesquisadores.

As Reuniões Gerais foram organizadas de forma a proporcionar momentos de estudos, quando foram debatidos textos sobre temáticas relacionadas à organização escolar e à metodologia de pesquisa e momentos de socialização e planejamento quando foram socializadas as atividades realizadas pelos subprojetos, tratados assuntos relacionados à avaliação da trajetória da pesquisa, bem como a proposição de ações de trabalho para o coletivo dos pesquisadores.

A criação de espaços nos quais os sujeitos confrontaram suas distintas concepções de escola mostrou-se um fator determinante na construção do trabalho integrado, dentre esses, consideramos as reuniões gerais como espaço privilegiado, pois, promoveu de forma inédita o diálogo freqüente entre os profissionais que trabalham nos órgãos centrais, os gestores e os professores, discutindo bibliografias relacionadas aos problemas levantados, as determinações dos órgãos superiores e seus efeitos na unidade escolar, que por sua vez gerou a proposição coletiva de ações, a produção de textos coletivos, a elaboração de instrumentos avaliativos e sua análise, confrontando diferentes pontos de vista, e especialmente, promovendo a produção sínteses constantes sobre o significado da escola pública, através de relatórios periódicos

Segundo Candido (1987) a escola, enquanto unidade social constrói a sua própria história. Para compreender este processo os educadores necessitaram incorporar práticas, tanto no plano administrativo quanto no plano pedagógico, que possibilitasse uma visão histórica sobre o significado do fazer pedagógico.

Observamos que a dinâmica do cotidiano escolar nem sempre possibilita aos educadores espaços para a reflexão e o debate sobre a sua prática e, em especial, sobre o significado desta em relação aos rumos da escola, o que acaba gerando um trabalho alienante. Faltam aos educadores ferramentas que favorecessem uma visão histórica sobre o seu fazer pedagógico, sobre a organização escolar, sobre a aprendizagem do aluno, enfim sobre o cotidiano escolar.

As experiências vivenciadas no cotidiano escolar deixam de ser aproveitadas pelo conjunto dos professores. Ensinamentos significativos, tanto pelos acertos como pelos erros, acabavam sendo apreendidos apenas por aqueles que vivenciaram a experiência diretamente ou, quando muito, por um pequeno grupo de sujeitos.

A gestão democrática implica no trabalho coletivo, assim faz-se de fundamental importância à troca de experiências e, mais ainda, a compreensão histórica sobre o significado dessas no processo de qualificação do trabalho pedagógico. Assim, o registro em vídeo das experiências no âmbito da unidade escolar, constituiu-se em uma ferramenta importante para estimular o debate e a reflexão dos sujeitos sobre as práticas escolares, bem como para a gestão coletiva da unidade escolar, pois a socialização das práticas escolares possibilitou a compreensão pelo conjunto dos professores da própria historicidade da escola e do fazer pedagógico.

Estimular o debate entre os educadores sobre as experiências ocorridas intra e extra sala de aula, possibilitou a construção de soluções coletivas em relação aos problemas pedagógicos presentes no cotidiano escolar.

Nesse sentido, Arroyo (1999) afirma que “não se trata de acrescentar novas incumbências a serem treinadas previamente, mas criar situações coletivas que propiciem explicitar e cultivar o papel, os valores e saberes educativos que cada educador já põe em ação em sua prática nas escolhas que faz cada dia no trato com os educandos. Foi escolhido então, basear-se no acúmulo de saberes, pensamentos e valores que informam o que há de mais educativo no ofício de mestres, que todos cultivam na diversidade de práticas, de culturas e identidades de cada um” (pp. 153-154).

Entre as diferentes formas de registro das experiências escolares, foram privilegiadas as gravações em vídeo, como maneira mais adequada para criar espaços de estímulo ao debate.

Para que o registro em vídeo fosse integrado de forma plena a vida escolar, os próprios educadores da unidade escolar foram os responsáveis pelas gravações e edições realizadas. Garantindo assim, a autonomia dos educadores em relação as suas escolhas, em relação aos registros em vídeo.

Nessa comunicação serão analisados os resultados alcançados pelo subprojeto “Registro em Vídeo no Cotidiano Escolar”, no período compreendido entre agosto de 2006 a maio de 2009, conforme segue.

O trabalho de pesquisa do Subprojeto Registro em vídeo no cotidiano escolar, desenvolvido pelas professoras pesquisadoras Renata Lanza e Susan Mary Nogueira teve como objetivo permitir a criação de ferramentas que favorecessem o debate e a reflexão sobre o fazer pedagógico intra e extra sala de aula; criar formas e espaços para a socialização das experiências vivenciadas entre os educadores, garantindo assim a retirada das diversas experiências escolares da esfera do particular e individual e as tornando, cada vez mais, parte de uma experiência pública e coletiva; disponibilizar aos educadores uma ferramenta alternativa para a produção de atividades didáticas; criar um acervo em DVD dos registros em vídeo, favorecendo a percepção histórica dos acontecimentos escolares.

Tomando o período de pesquisa como um todo, identificamos três momentos marcantes no processo vivenciado no subprojeto: momento experimental compreendido entre agosto de 2006 a fevereiro de 2007; segundo momento, de março de 2007 a junho de 2007, quando o projeto de pesquisa passou a ter a colaboração do professor doutor Carlos Miranda FE/Unicamp, ampliando a sistematização dos registros em vídeo e aprofundamento teórico sobre o significado do trabalho; terceiro momento de agosto de 2007 a maio de 2009, caracterizado pela ampliação da demanda por parte dos demais professores motivados com os registros socializados.

O momento experimental, compreendido entre agosto de 2006 a fevereiro de 2007, teve como objetivo principal permitir o pleno conhecimento das professoras-pesquisadoras do uso do equipamento (filmadora e software de edição), bem como possibilitar a desmistificação por parte da comunidade escolar (professores, funcionários, especialistas, alunos e pais) do processo de registros em vídeo. Nesse período, os trabalhos foram produzidos de forma livre.

Nesse primeiro momento foram realizados seis registros em vídeo: o primeiro registro com o depoimento de aluna de 69 anos, sobre a sua história de vida, filmado na

Escola Aberta, com duração de 14 minutos (15/09/06); o evento Gincana do Dia das Crianças, com duração de 45 minutos (11/10/06); depoimentos dos alunos sobre as atividades desenvolvidas na Gincana do Dia das Crianças com duração de 15 minutos (16/10/06); seminário na disciplina de Educação, Relações Econômicas e Trabalho sobre História do Brasil na 8ª série (A), com duração de 23 minutos (26/10/06); o depoimento dos alunos na disciplina de Língua Portuguesa do curso de Educação de Jovens e Adultos, segundo termo, com duração de 15 minutos (30/10/06); e o evento Escola Aberta, com duração de 90 minutos (02/12/06).

Não foram poucos os problemas enfrentados nesse primeiro momento, pois, ao mesmo tempo em que os pesquisadores buscavam conhecer os processos de pesquisa-ação, também se puseram a produzir vídeos sobre o cotidiano escolar, atividade até então desconhecida entre todos os sujeitos envolvidos na escola considerando na forma sistematizada pela pesquisa.

A dimensão técnica pesou nesse início de trabalho, pois, além de aprender a manusear a filmadora, foi necessário aprender a editar vídeos em um software que, inicialmente, teimou em não funcionar a contento.

A introdução do trabalho de registro em vídeo no cotidiano escolar gerou, ao mesmo tempo, curiosidade e desconfiança na comunidade escolar, exigindo certa cautela na captura e apresentação das imagens, como também muita explicação sobre os objetivos do subprojeto.

Cabe ressaltar o cuidado tomado no processo de registro e sua socialização. Os registros em vídeo foram utilizados de forma exclusiva entre os interessados imediatos, ou seja, todas as produções foram realizadas com o consentimento dos envolvidos. Por exemplo, quando realizamos uma filmagem de uma aula, o professor tinha a liberdade de apagar o registro caso sentisse necessidade, fato que não veio a ocorrer em todo o período da pesquisa. O registro era socializado entre os alunos da sala, buscando verificar suas opiniões e críticas. Quando da utilização desses registros em reuniões pedagógicas com os demais professores, tomamos o cuidado de focar os aspectos pedagógicos, discutindo a utilização do registro em vídeo como ferramenta pedagógica e não de controle ou mesmo vigilância. Essa foi uma discussão que evoluiu muito no decorrer da pesquisa, sendo tratada dentro da ética profissional e de acordo com a legislação vigente, especialmente com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90).

Nesse momento inicial, a prática de produção de relatórios mensais, garantiu um olhar reflexivo sobre o caminho que começavam a trilhar, apesar das incertezas que persistiam nesse início de jornada.

A compreensão sobre a existência de uma inter-relação entre a pesquisa e o trabalho escolar foi fundamental nesse momento. Os registros em diário de campo, transformados em relatório mensal, favoreceram, conforme adiantamos, o processo de reflexão sobre o fazer pedagógico, possibilitando novas interpretações sobre o significado das ações realizadas. Os professores-pesquisadores não vislumbravam a possibilidade do fazer pedagógico cotidiano possuir valor científico. Foi com a análise das imagens registradas que esses passaram a perceber a quantidade de “dados científicos” presentes no cotidiano escolar. Com a constante análise dos dados produzidos e sua sistematização nos relatórios mensais, os professores-pesquisadores passaram a sua importância enquanto sujeitos do processo de produção de conhecimento no âmbito da unidade escolar.

Em março de 2007 o subprojeto passou a contar com a participação do professor doutor Carlos Eduardo Miranda da Faculdade de Educação da Unicamp. Esse segundo momento foi como um divisor de águas para o processo de pesquisa, pois a contribuição desse professor favoreceu a resolução de problemas técnicos e conceituais relacionados ao subprojeto. O professor Carlos redimensionou o entendimento coletivo sobre as possibilidades de trabalho pedagógico a partir do registro em vídeo.

Nesse segundo momento os registros em vídeo ganharam em qualidade, pois foram reestruturada a organização de arquivo dos registros, melhoramos a produção de edições de vídeos. O professor Carlos, indicou e discutiu no âmbito do subprojeto e com os demais professores-pesquisadores, bibliografia sobre a produção e socialização de imagens em vídeo. O professor Carlos, além das mudanças anteriores, indicou novas estratégias de trabalho, bem como foi um interlocutor privilegiado na análise do processo vivenciado no subprojeto, favorecendo a compreensão mais precisa e consciente sobre o seu significado na construção do trabalho integrado.

Nesse período foram produzidos seis registros em vídeo: eleições do Conselho de Escola, com duração de 45 minutos (03/03/07); Reunião Geral da pesquisa, com duração de 14 minutos (06/03/07); Teatro na Escola, com duração de 20 minutos (12/03/07); Festa Junina, com duração de 10 minutos (12/06/07); Visita ao museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP) com os alunos da 6ª série, com duração

de 10 minutos (26/06/07); Estudo do meio do movimento dos Sem Terra, no Assentamento de Sumaré I, com duração de 15 minutos (18/06/07).

A nova forma de desenvolver os registros em vídeo favoreceu a produção do relatório parcial para a agência financiadora da pesquisa, tendo como base novas referências sobre a produção de registro em vídeo.

O terceiro momento, que iniciou em agosto de 2007, foi marcado pelo aumento da demanda e a reorganização do trabalho de produção e socialização dos registros em vídeo.

A produção do clipe sobre os Jogos da Amizade de 2007 foi um marco importante no processo de aprendizagem das professoras-pesquisadoras, pois demandou um grande poder de síntese ao fazer uma releitura de 20 minutos de gravação em um clipe de 5 minutos.

Nesse período a produção do Clipe sobre os Jogos da Amizade (2007), teve um grande impacto tanto para as professoras pesquisadoras como para a comunidade escola, por este motivo analisaremos de forma mais detalhada o mesmo.

Os Jogos da Amizade acontece todos os anos na unidade escolar com a proposta de favorecer a interdisciplinaridade por meio de atividades esportivas, promovidas ao longo de uma semana no segundo semestre.

Os registros em vídeo dos Jogos da Amizade totalizaram 20 minutos de gravações de imagens das atividades realizadas no decorrer da semana, desde a abertura do evento até o seu encerramento, com a entrega de medalhas a todos os participantes.

A produção do primeiro clipe pode ser considerada um marco no processo de aprendizagem das coordenadoras do subprojeto, pois, até aquele momento, as edições restringiam-se a pequenos cortes de imagens e inclusão de títulos nos registros em vídeo realizados.

Com a necessidade de transformar 20 minutos em 5, houve a necessidade de seleção de imagens, o que demandou um grande estudo sobre toda a produção realizada durante os Jogos da Amizade naquele ano, bem como, definir o grupo de conteúdos visuais que representassem o evento na sua essência.

Muitos e dolorosos aprendizados ocorreram nesse momento.

O trabalho de edição demandou aproximadamente 25 horas de trabalho. Chegamos a uma primeira versão do Clipe que foi apresentada para o grupo de professores-pesquisadores do Projeto de Pesquisa em 30/10/2007. Nesta apresentação

houve posicionamentos e sugestões, principalmente, de uma das coordenadoras do Subprojeto Jogos da Amizade, professora Márcia Scaramuzza, pois não foram contempladas algumas imagens que, segundo a professora, eram fundamentais: como o acendimento da pira olímpica e o momento da ‘chuva de prata’ na abertura do evento. Para a orientadora pedagógica da unidade educacional, professora Deise Dias Fahl, o clipe não fez nenhuma referência ao tema do Projeto Político Pedagógico da escola que norteou as produções dos Jogos da Amizade naquele ano: “Meio Ambiente: ontem, agora e depois?”.

Diante dos posicionamentos, o coordenador do projeto de pesquisa sugeriu que fosse refeito o clipe com as devidas inserções, cuidando da qualidade do som, evitando ruídos captados no momento da gravação e introduzindo música de fundo na exposição de imagens. Foram realizadas as alterações sugeridas e refeito uma nova apresentação do clipe para os professores-pesquisadores, sendo essa nova versão aprovada pelos participantes.

Refletindo sobre a experiência audiovisual na escola com o clipe dos Jogos da Amizade, observa-se que a prática de conversar com as imagens e construir coletivamente olhares, múltiplos e divergentes, sobre o que foi registrado possibilitou ao grupo de professores-pesquisadores desenvolver uma nova percepção sobre o significado do registro em vídeo e os diferentes fatores que influenciam na sua produção.

Neste sentido, a participação de cada professor-pesquisador envolvido no projeto, permitiu a integração respaldada no projeto Político Pedagógico da unidade escolar. A produção do clipe exigiu a reflexão de todos sobre a nossa relação com o mundo e com os outros, na intersecção de experiências com as do outro e a relação de umas sobre as outras, pelas experiências presentes e também pela retomada da experiência do outro intervindo na realidade educacional.

Outro fato marcante nesse terceiro momento foi o aumento da demanda de produção de registro em vídeo por parte dos demais professores, gerada pela constante socialização dos registros em vídeo realizados. Para além do registro histórico da experiência desenvolvida com os alunos, os professores passaram a compreender os registros em vídeo como uma ferramenta didática no processo de ensino aprendizagem.

Esse movimento levou o subprojeto a propor a realização de duas oficinas entre os professores-pesquisadores: a primeira oficina foi sobre a utilização dos equipamentos de filmagens e os critérios para a captura de imagens; a segunda oficina tratou do processo de editoração das imagens.

Nas oficinas foi reforçada a concepção sobre os registros em vídeo como ferramentas que favorecem a reflexão profissional sobre a experiência pedagógica. Nessa direção fez-se necessário questionar: O quê registrar em vídeo? Por que registrar em vídeo? Para que servirá o registro em vídeo? Buscando sempre revelar as intencionalidades presentes entre aqueles envolvidos na produção dos registros em vídeo.

Assim, as fichas de registros em vídeo foram aperfeiçoadas sendo incorporadas informações mais detalhadas em relação ao conteúdo do vídeo produzido, facilitando a elaboração de roteiros para as filmagens, pois já salientamos que um registro em vídeo não pode acontecer de forma improvisada, precisa da elaboração de um roteiro com intencionalidade e ações planejadas. Podemos dizer que essas fichas ganharam um valor didático quando favoreceram a organização do olhar do professor sobre o seu fazer pedagógico, ampliando a sistematização e a sua sensibilidade em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos.

Para a elaboração do roteiro do registro em vídeo, é necessário ter uma visão ampla da escola para poder definir cenas em função dos objetivos e dos meios que a escola possui. Um roteiro é eficiente e eficaz na medida em que é capaz de expressar a capacidade de abordar uma situação de maneira inovadora e gerar de fato uma reflexão e conseqüentemente mudanças no fazer pedagógico.

A partir desse período de maior entendimento dos registros em vídeo foram realizados quinze registros em vídeo: o evento Jogos da Amizade, com duração de 20 minutos (25/09/07); a Festa da Criança, com duração de 10 minutos (11/10/07); o Clipe sobre os Jogos da Amizade (2007), com duração de 5 minutos (30/10/07); o evento Escola Aberta, com duração de 10 minutos (02/12/07); a reunião do Conselho de Escola, com duração de 12 minutos (08/03/08); o seminário sobre o Ensino Médio, com duração de 12 minutos (04/06/08); experimento piloto Filtração Simples da Água na disciplina de Ciências para alunos da 5ª série A, com duração de 10 minutos (10/06/08); experimento piloto Filtração Simples da Água na disciplina de Ciências para alunos da 5ª série B, com duração de 12 minutos (21/06/08); a atividade didática na classe do

segundo ano do Ciclo I, Roda de Conversas, com duração de 20 minutos (29/06/08); o Caminhão Desafio de Ciências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com duração de 35 minutos (29/06/08); a apresentação da Orquestra de Câmara “Ars Musicalis” com duração de 15 minutos(08/10/2008); a eleição do Conselho de Escola, com duração de 10 minutos (07/03/09); o registro para as mães “Afeto em cena” de 10 minutos (05/05/09); e o registro para sensibilizar o aluno por meio da música de 15 minutos (06/05/09).

Esse terceiro momento foi marcado além da ampliação da qualidade dos processos de produção dos registros em vídeo, por um avanço consciente do planejamento pedagógico. O planejamento dos registros ultrapassou os aspectos formais, como tempo de duração, número de pessoas envolvidas, entre outras, ganhando a dimensão das intencionalidades presentes no processo e dos possíveis usos do registro em vídeo.

Neste momento, o trabalho de pesquisa permitiu a construção de um fazer pedagógico reflexivo, pois antes da pesquisa o universo escolar, para os professores-pesquisadores mostrava-se limitado, objetivado pela política educacional. Com o desenvolvimento da pesquisa, o universo escolar apresentou-se como um mundo de oportunidades expandindo seus limites.

Segundo Duarte (2007) a “humanização avança na medida em que a atividade social e consciente dos homens produz objetivações que tornem possível uma existência humana cada vez mais livre e universal” (p.23)

Então, passou-se a refletir de forma mais sistematizada sobre o significado dos registros em vídeo para a construção do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar, bem como do efeito indutor das socializações dos registros em vídeo para todos os professores da unidade escolar.

Ao tratar da construção do Projeto Político Pedagógico Veiga (2001) salienta que teoria e prática são elementos distintos, porém inseparáveis na construção do projeto, em que as atividades teórico-práticas têm, de um lado, a ação que subsidia o pensamento para a construção de novas idéias e formas diferenciadas de intervenções na realidade educacional, e, de outro, a teoria representada por um conjunto de idéias, sistematizado a partir da prática pedagógica. Observa-se então, que os registros em vídeo contribuíram no processo de integração da pensar e do agir.

Ao longo dessa trajetória observamos que os registros em vídeo favoreceram o movimento de transformação do fazer pedagógico, quando socializou experiências até então restritas a sala de aula, possibilitou também análise dos eventos realizados na escola pelo Conselho de Escola, favorecendo o planejamento de atividades coletivas na escola. O registro em vídeo favoreceu a todos a reflexão de forma sistematizada sobre o significado de diversas atividades realizadas no cotidiano escolar garantindo a elaboração do Projeto Político-Pedagógico mais democrático.

Para o desenvolvimento desse trabalho a produção dos registros em vídeo foi classificada em três tipos: **atividades didáticas** – registros realizados, intra e extra, sala de aula que retratassem o processo de ensino aprendizagem; **eventos**, registros de programação cultural e científica que envolvesse toda a comunidade; **reuniões** pedagógicas e administrativas realizadas na unidade escolar. As experiências desenvolvidas pelo Subprojeto Registro em Vídeo no período contemplaram 15 atividades didáticas, 12 eventos e 6 reuniões pedagógicas e administrativas da unidade escolar. Cabe ressaltar que os registros foram realizados com a anuência dos sujeitos, sendo que os mesmos tinham total liberdade para apagar o registro em vídeo considerado inadequado para socialização.

O significado dessa experiência promoveu entre as professoras pesquisadoras do Subprojeto, uma compreensão da dimensão do trabalho de pesquisa no cotidiano escolar. O registro em vídeo não pode ser considerado apenas um conjunto de imagens, mas um trabalho de mediações das relações sociais. A implementação dessa ferramenta de trabalho favoreceu o movimento de transformação do fazer pedagógico garantindo a socialização e o debate de diferentes olhares sobre a realidade escolar. Tanto a construção da visão histórica do fazer pedagógico quanto a compreensão das relações cotidianas na estrutura do ambiente escolar implicaram em reflexões e debates. Os diversos tipos de registros em vídeo possibilitaram o surgimento de um olhar mais reflexivo entre os professores, na medida em que socializaram posturas, comportamentos, expressões e dinâmicas do cotidiano escolar até então desconhecidos, extrapolando a capacidade de percepção dos sujeitos envolvidos diretamente com a ação registrada em vídeo, mas também a percepção dos sujeitos que realizaram o registro em vídeo dos acontecimentos cotidianos na unidade escolar.

A pesquisa proporcionou aos professores-pesquisadores saírem da condição de espectadores do cotidiano escolar, compreendidos como aqueles que sofrem as

consequências das políticas educacionais pensadas fora da unidade escolar, para a condição de sujeitos da vida escolar, ou seja, construtores da história da unidade escolar.

Ao realizar os registros em vídeo criamos uma forma de organização das atividades desenvolvidas na unidade escolar que se referiu não só à dinâmica interna do produto “vídeo”, mas ao processo de realização e recepção das atividades escolares, que se estendeu para além da própria produção, atingindo toda a comunidade, pois quando a produção audiovisual é ancorada em procedimentos que leva em conta as situações vividas pelos próprios educadores e educandos, o registro em vídeo possibilita o ensino interdisciplinar.

A produção audiovisual foi fundamental para o surgimento de um ensino interdisciplinar e emancipador, trazendo elementos de natureza dialógica identificados com a história e o cotidiano escolar, envolvendo o sujeito na sua produção, contribuindo para a organização de sentidos e permitindo uma compreensão da realidade em seus múltiplos aspectos, favorecendo uma educação para a emancipação do sujeito, tornando-o mais feliz e satisfeito diante da possibilidade de expandir seus conhecimentos e limites.

Bibliografia

ARROYO, Miguel G. “Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores” In **Revista Educação e Sociedade** Campinas/SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade, CEDES. Ano XX, nº 68 (número especial), dezembro de 1999.

BARROSO, João. **O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão em Portugal** In Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios/Naura Syria Carapeto Ferreira (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL, **Lei 8069** de 13 de julho de 1990, Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

CANDIDO, Antonio. “Tendências no Desenvolvimento da Sociologia da Educação” In FORACCHI, Marilice M. e PEREIRA, Luiz. **Educação e Sociedade** 13ª. Edição, São Paulo: Editora Nacional, 1987.

DUARTE, Newton. Educação escolar, teoria do conhecimento e a escola de Vigotski. 4ª ed. Campinas / SP: Ed. Autores Associados, 2007.

FREIRE, Paulo - **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico: novas trilhas para a escola** In As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola.

Marília Fonseca (org). Campinas: São Paulo: Papirus, 2001. (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).